

02-06-2018 | Revista E



O mundo da noite na cidade imaginária

A trupe americana dos atores amigos de Bruno de Almeida volta a Lisboa para um filme nostálgico, belo, circense e um pouco triste sobre uma boémia que já não há

TEXTO JORGE LEITÃO RAMOS

i, algures, que o novo filme de Bruno de Almeida se baseava no ⊿ocaso do velho lugar noturno da Praça da Alegria que a modernidade urbanística desta nossa Lisboa condenou à morte. Não é verdade. "Cabaret Maxime" é de outra natureza, é uma evocação cheia de bonomia, algo nostálgica, um pouco circense (no sentido felliniano do termo) de uma fauna muito especial, a gente da noite, a gente que fazia os espetáculos da noite quando a boémia tinha sabor de pecado, um pingo de inocência e a evasão, algo triste, à realidade escorraçada para a luz do dia, lá fora, lá longe, envolta em álcool e fumo. E não se passa em Lisboa (embora seja aqui filmada, reconhecivelmente), mas numa cidade imaginária, onde há um porto e se fala inglês, como em todo o antigo cinema americano em que, de Havana a Zanzibar, a Xangai ou a Casablanca, era essa a língua que toda a gente falava. História? Não sei se o filme tem exatamente uma história, ou se é tão-só a instalação de um mundo, com gente amável e outra nem tanto, mundo de afetos, de cumplicidades, de dramas que se tentam curar com abracos e com a energia de uma continuidade para o dia a dia que é preciso empurrar. Gente que canta, que danca, que faz ilusões de prestidigitação, que se

despe, ou que seduz, só com o olhar e a invenção de fantasias, saltimbancos da vida, com códigos de conduta e lealdades iniciáticas — e outros que acham que comércios de carne humana ou de coisas mais pesadas aumentam a rendibilidade financeira do espaço urbano onde aquele cabaré se situa. No centro de tudo está um empresário (Bennie Gazza/Michael Imperioli), um tipo cheio de bom senso e de pachorra que cuida da mulher que vive no limiar da insanidade (Stella/Ana Padrão) e é a mais glamorosa vedeta do cabaré. Em torno uma miríade de gente que ali trabalha criando um tecido social iridescente, ora a emanar fascínio, ora a mastigar sarro fora de horas, ora no palco e debaixo de holofotes, ora no cansaço de bastidores (cabendo dizer que os atores que acendem essa gente são — todos — magníficos). Até que uma nova raça de empreendedores chega ao bairro do néon onde o Maxime se situa (fisicamente o Cais do Sodré da Rua Nova do Carvalho e arredores) — e o caldo se entorna. Se quisermos, esse é o conflito que se instala no filme (tem sempre que haver um, dizem), embora não seja a sua resolução o que nele mais importa.

Para lá do documentarismo onde Bruno de Almeida tem trabalhado muito (lembremos, como exemplo, a espantosa série televisiva "Amália -Uma Estranha Forma de Vida"), há três cinemas na obra ficcional de Bruno de Almeida, longa já de mais de vinte anos, quando a curta-metragem "A Dívida" anunciou, com tonitruância, em 1993, que havia que contar com um novo cineasta português. Há um cinema americano, filmado em Nova Iorque, onde o realizador longamente habitou e se iniciou ("On the Run", 1999; "The Collection", 2005); há um cinema português, filmado em Lisboa, falado em português e majoritariamente com lusos intérpretes ("Operação Outono", 2012); e há um cinema miscigenado, filmado em Lisboa, falado em inglês ou português, ou o que for e centrado num conjunto de intérpretes a que eu chamaria a trupe nova-iorquina dos amigos do Bruno ("The Lovebirds", 2007 e, agora, este "Cabaret Maxime", 2018). É esta última vertente da sua obra a que mais admiro, pela plasticidade afetiva, pela camaradagem, pela capacidade de falar de pessoas que podem não ser memoráveis, mas que gostamos de conhecer enquanto espectadores. Expoente disso são as cenas à mesa -"Cabaret Maxime" termina com uma – onde uma câmara atenta e gente vivaz quase nos convida a partilhar o vinho, o pão, as pataniscas... •

CABARET MAXIME

De Bruno de Almeida

Com Michael Imperioli,

Ana Padrão, John Ventimiglia
(Portugal/EUA)

Drama M/16